

UM DIA É DO ETNÓGRAFO, O OUTRO DO CAÇADOR: BREVE ESTUDO ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DE ÍNDIOS E DA NATUREZA EM *OS CADUVEOS*, DE GUIDO BOGGIANI*

Giovani José da Silva

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFMS,
Campus de Dourados.

O artigo objetiva refletir sobre a representação de índios e da natureza em *Os caduveos*, de Guido Boggiani, obra escrita no final do século XIX em uma das visitas do explorador italiano à região sul do Pantanal, entre os Kadiwéu. Por meio de seus diários compreende-se uma parte da História Indígena do atual estado de Mato Grosso do Sul e apreende-se categorias de pensamento de um europeu na virada dos séculos XIX/XX.

Palavras-chave: Natureza, Índios Kadiwéu, Guido Boggiani.

One day is of ethnographist, the another of the hunter: short study about the representation of Indians and of the nature in "Os Caduveos", of the Guido Boggiani. The article aims to reflect on the representation of indians and nature in Os caduveos, by Guido Boggiani, work written at the end of the XIX century on one of the Italian explorer's visits to the South region of the Pantanal, among the Kadiwéu. Through his diaries, part of Indian History of the contemporary Mato Grosso do Sul is understood and categories of thoughts of an European in the turn of the XIX to XX centuries are known.

Keywords: Nature, Kadiwéu Indians, Guido Boggiani.

* O artigo tem como principal referência um trabalho acadêmico produzido para a disciplina *História e Natureza*, ministrada pela antropóloga Prof^ª. Dr.^ª Joana A. Fernandes Silva, em 1999, no âmbito de um Curso de Especialização em Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). À professora e também orientadora, meus agradecimentos. Esclareço, porém, que as idéias contidas no artigo são de minha inteira responsabilidade.

GUIDO BOGGIANI: DE CAÇADOR A ETNÓGRAFO

“Decididamente, para ser bom caçador
é preciso não ser suscetível às emoções [...]”

(Guido Boggiani 1861-1901)

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a representação de índios e da natureza em *Os caduveos*, de Guido Boggiani. Esta obra, escrita no final do século XIX, é a edição de parte dos diários do artista e explorador italiano, referindo-se a uma de suas visitas (1892) à região sul do Pantanal, entre os Kadiwéu. Segundo Odaléa Bianchini, “a obra apresenta não só aspectos psicológicos, como também descrições de tecelagem, jogos, danças, trechos musicais que são verdadeiras preciosidades” (Bianchini, 2000:59-60). Boggiani não era um etnógrafo, embora hoje suas observações sejam consideradas preciosas descrições etnográficas sobre aquela sociedade indígena. Antes, era um comerciante de peles, especialmente de couro de cervo (*Blastocerus dichotomus*), sendo atraído à região sudoeste do atual estado de Mato Grosso do Sul por causa da grande quantidade de animais de caça ali existentes à época e também por saber que poderia contar com os índios para abatê-los. Curiosamente, o fracasso em encontrar os valiosos animais que tanto desejava, o obrigou a conviver um certo tempo entre os Kadiwéu, segundo ele, “gente tão pouco escrupulosa, estragada por vícios e pelo contacto com as fezes da civilização” (Boggiani, 1975:101).

Essa estadia forçada resultou na elaboração de *Os caduveos*, em que o explorador italiano, também pintor de aquarelas e, pelas circunstâncias, transformado em etnógrafo, revelou-se um arguto observador das sociedades indígenas com quem travou contato (Kadiwéu, Terena e Xamacoco). Além de escritos, Boggiani legou um vasto acervo etnográfico sobre os Kadiwéu, bem como uma significativa coleção de aquarelas, desenhos e fotografias (sendo que estas últimas lhe custaram a própria vida!). Apesar de não ser a única obra do italiano sobre o assunto, *Os Caduveos* é, sem dúvida, a mais importante. Segundo Osvaldo Zorzato, “a narrativa decorrente de sua primeira moradia, por dois meses e meio, entre os índios

Kadiwéu, embora discriminatória, não deixa de registrar passagens interessantes” (Zorzato, 1998:197). Boggiani voltou a estar entre os Kadiwéu em 1897, tendo morrido em 1901, assassinado por índios Tumrahá, também conhecidos à época como Xamacoco bravo (Fricová, 1997:133). No texto que segue, procuro estudar brevemente como a natureza e os índios são representados, construídos ao longo de diários, por um europeu, viajante do final do século XIX em terras sul-americanas.

UM CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO

E por que me refiro à representação? Acredito, como afirma Keith Thomas, que

[...] toda a observação do mundo da natureza envolve a utilização de categorias mentais com que nós, os observadores, classificamos e ordenamos a massa de fenômenos ao nosso redor, a qual de outra forma permaneceria incompreensível, e é sabido que uma vez apreendidas essas categorias, passa ser bastante difícil ver o mundo de outra maneira.” (Thomas, 1996:62)

Assim, remeto o estudo às investigações durkheimianas sobre as representações. Émile Durkheim (1858-1917), intelectual francês considerado o pai da moderna Sociologia, produziu vasta obra entre o final do século XIX e início do século XX. Em livros como *As formas elementares da vida religiosa*, *As regras do método sociológico* e *Sociologia e filosofia* elaborou, entre outros, o conceito de representação. Segundo Renato Ortiz, esclarecendo as idéias de Durkheim, “as sociedades para existirem produzem representações que lhes são estruturalmente necessárias” (*apud* Durkheim, 1989:11). Em outras palavras, os homens se organizam socialmente para somente depois classificarem o mundo em gêneros e espécies. “Durkheim consegue desta forma demonstrar que as representações são um produto da sociedade” (*apud* Durkheim, 1989:17). O conceito de representação articula-se, pois, em dois níveis: o que é pensado (conteúdo) e o modo de pensar (forma).

As representações de tempo, espaço, natureza e morte, entre outras, ganham com os estudos de Durkheim e de seu sobrinho Marcel Mauss terreno sociológico e historicidade, revelando, por exemplo,

que “classificar é hierarquizar” (*apud* Durkheim, 1989:22). A distinção fundamental em Durkheim é que as representações individuais têm como substrato de um lado, o indivíduo e de outro, as representações coletivas, os indivíduos associados que formam a sociedade. Essa forma de análise permite, então, desvendar o que pensavam os europeus na virada dos séculos XIX/XX a partir dos relatos deixados por um deles, no caso Guido Boggiani. Isso não implica em centrar-se no pensamento do italiano e torná-lo exclusivo de uma época: revela-se *uma* forma de representação e não *a* forma de representação. Esse cuidado se faz necessário, pois, segundo Custódia Sena, “a explicação das representações deve, portanto, ser buscada, não no indivíduo, mas na sociedade e nesta, ao nível muito especial de suas manifestações psíquicas” (Sena, 1982:156).

Mais recentemente, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, entre outros que tratam do conceito, apresenta idéias bastante interessantes para o estudo das representações. Segundo o autor, estas podem ser qualificadas como mentais (atos de percepção e apreciação, conhecimento e reconhecimento, em que os agentes investem interesses e pressupostos) ou objetais (coisas ou atos, estratégias de manipulação simbólica que objetivam determinar a representação mental que outros podem ter destas propriedades e de seus portadores). Nos processos de elaboração das representações está em jogo “[...] lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social [...]” (Bourdieu, 1989:113). Embora essas e outras idéias, como as desenvolvidas por Roger Chartier na obra *A história cultural*, ajudem a refinar melhor o conceito de representação e atualizá-lo, é com o clássico conceito de representação durkheimiano que o presente texto opera.

GUIDO BOGGIANI: O ETNÓGRAFO CAÇADOR

É possível inferir que a representação dos índios e da natureza, feita por Guido Boggiani em *Os caduveos*, está impregnada das idéias vigentes no final do século XIX, pois, segundo Herbert Baldus,

“... o viajante italiano, filho duma época que acreditava unilateralmente nos benefícios cada vez maiores do chamado ‘progresso’ era bastante etnocêntrico para considerar como felicidade para os ‘selvagens’ o tirá-los do seu estado ‘bruto’ e ‘levantá-los’ ao nível de nossa civilização.” (*apud* Boggiani, 1975:43)

Etnocentrismo, evolucionismo social, idealização romântica da natureza, apreciação pelo exótico: eis algumas das idéias que permeiam as representações acerca de índios e da natureza presentes na obra de Boggiani.

O explorador não esconde em momento algum em seus diários que a única finalidade da expedição era comercial, ao revelar que,

“Faz já dois meses e um dia que partimos de Porto Pacheco. A excursão, que não devia durar mais de 15 ou 20 dias entre ir e voltar, já se prolongou além do previsível, embora eu não possa dizer quanto tempo durará ainda, começo a desejar que tenha logo um termo. Não porque essa vida áspera me desagrade, mas porque *vejo bem que pouco maior lucro já posso tirar daqui para os meus negócios.*” (Boggiani, 1975:201) [itálico meu]

Em algumas passagens, avalia com conhecimento de caçador os animais encontrados: “Pena que nem a pele, nem a carne deste animal tenham qualquer valor” (Boggiani, 1975: 65). E “[...] mas eu teria preferido a capivara, [...], cujo couro tem valor e a carne é comestível” (Boggiani, 1975: 75).

Em outras, ainda, revela a faceta de homem de negócios: “Hoje choveu muito e por várias vezes. É uma verdadeira amolação pois que este tempo me prejudica muito nas minhas operações comerciais já bastante comprometidas [...]” (Boggiani, 1975: 201).

No preâmbulo de *Os caduveos*, em que escreve sobre a finalidade da excursão, Boggiani assume que o conjunto de escritos

“... não é, assim, mais que a simples narração das coisas vistas e das observações feitas dia a dia sobre os usos e costumes da tribo dos Caduveos e sobre a região por eles habitada; observações feitas naturalmente, mais do lado artístico que daquele científico: pois que desgraçadamente, bastante limitados são os meus conhecimentos em matéria de ciência.” (Boggiani, 1975: 61)

Apesar de comprometida com a visão eurocêntrica de seu autor, a obra não deixa de ser uma importante referência sobre a

presença dos Kadiwéu no sul de Mato Grosso e seu *habitat*. G. A. Colini, o prefaciador de *Os caduveos*, é quem revela a importância desses escritos:

“Boggiani viveu por três anos e meio no alto Paraguai, atravessando com finalidades comerciais, ora um território, ora outro, com freqüentes viagens durante as quais sempre procurou entrar em relações de amizade com os indígenas e ganhar-lhes a confiança para estar em condições de lhes estudar as características, os costumes e a linguagem, e determinar as relações étnicas que existiam entre as várias tribos daquela ampla região. [...] determina com cuidado o curso do Nabileque e as características geográficas da região através da qual corre. Além disso, ilustra a paisagem, representando-a não só no seu conjunto, mas descrevendo ainda especialmente os elementos que a compõem, a fauna e a flora, com uma precisão como apenas um artista pode realizar.” (*apud* Boggiani, 1975:50)

REPRESENTAÇÃO DE ÍNDIOS E DA NATUREZA EM OS CADUVEOS

A representação da natureza em *Os caduveos* não ocorre sem um certo romantismo, típico da época em que viveu Guido Boggiani que “utiliza expressões idílicas, tais como *rio majestoso, estupendos bosques, exuberante vegetação*” (Zorzato, 1998:199; itálicos no original). Se, como afirma Keith Thomas, “o sistema de classificação dominante toma posse de nós, moldando nossa percepção e, desse modo, nosso comportamento” (Thomas, 1996:62) é correto afirmar que o explorador italiano expressou, em seus diários, uma forma de enxergar o mundo bastante comum aos europeus que viveram em fins do século XIX. Ao mesmo tempo em que a natureza, para Boggiani, “criou tanta vida lá onde o homem semeou a morte, e com seu luxuriante manto de esmeralda vai escondendo, piedosa e grande, pouco a pouco, todos os traços da infâmia humana” (Boggiani, 1975:158), uma outra visão também aparece nos textos, referindo-se ao ambiente natural como fonte de perigos e mistérios.

É o caso das observações feitas por Diaz, ajudante do explorador, que “andava metendo na cabeça toda sorte de histórias e temores de assaltos noturnos, de ladrões, de serpentes, de bestas ferozes e de grandes perigos” (Boggiani, 1975:85-86) e que, ainda, “pôs

em cena também os tigres, os leões, as serpentes e outras tantas feras que deviam estar ali prontas a nos esperar para fazer de nós um lauto banquete” (Boggiani, 1975:90). Boggiani creditava o comportamento de Diaz à ignorância que ele associava como sendo típica dos regionais, segundo ele, sem estudos e preparo intelectual. Assim, a compreensão da natureza como fonte inesgotável de recursos e de perigos a serem dominados pelo Homem, caberia, romanticamente, a um europeu, civilizado, que saberia dominá-la e apreciá-la, pois onde o “inculto” via perigos, o artista enxergava beleza e solidão:

“um aspecto de mistério esvoaçava por toda parte; as montanhas azuis surgiram por trás de densos bosques silenciosos cuja virgindade era evidente [...]. Tudo paz, silêncio e mistério. Como é bela a natureza nestas profundas solidões!” (Boggiani, 1975: 104)

Há passagens dos diários em que fica clara a posição evolucionista de Boggiani, pois segundo Bianchini,

“Em Boggiani, europeu do século XIX, não é estranho que se observe pensamentos do tipo raça inferior, raça superior. [...] pensamento que se identifica perfeitamente com a época do evolucionismo na qual viveu.” (Bianchini, 2000:60)

É essa a visão que surge nos textos dos diários quando discorre sobre a mistura de sangue entre índios Kadiwéu e Xamacoco que, segundo ele, resultaria na degeneração da raça; quando compara os índios a animais, diferentes dos civilizados por oferecerem maior resistência aos ferimentos e às dores e, sobretudo, quando traça comparações em que ressalta, por exemplo, a “[...] diferença entre os japoneses e os Caduveos! Aqueles industriosos, delicados, cheios de gentileza e refinamento; estes primitivos, grosseiros e pouco escrupulosos” (Boggiani, 1975:183). Para o italiano, os índios evoluiriam, caso sobrevivessem, chegando ao grau de civilização dos europeus, como ocorrera com os bárbaros da Antiguidade. Essa evolução, porém, somente ocorreria com a ajuda daqueles que considerava terem atingido um grau máximo de civilização, ou seja, seus conterrâneos do Velho Mundo. A antropóloga Lilia Schwarcz ajuda a entender essas idéias, esclarecendo que:

“Civilização e progresso, termos privilegiados da época [século XIX], eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Segundo os evolucionistas sociais, em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas. Esses estágios, entendidos como únicos e obrigatórios – já que toda a humanidade deveria passar por eles –, seguiam determinada direção, que ia sempre do mais simples ao mais complexo e diferenciado.” (Schwarcz, 1993:57-58)

Apesar disso, e talvez por causa dessa visão de mundo, Boggiani revela-se por vezes indeciso ao perceber que os Kadiwéu possuem uma cultura que lhes é própria, chegando a ensaiar um certo relativismo, por exemplo, ao comentar uma luta observada na aldeia:

“O jogo se tornou, assim muito interessante, embora tivesse algo de bárbaro. Mas que se poderia reprochar a estes selvagens quando os ingleses e os americanos do norte se deliciam com jogos tão bárbaros quanto este e quando os espanhóis mantêm e são loucos pelas corridas de touros?” (Boggiani, 1975:192)

O próprio Boggiani confessa que suas observações não dão conta das diferenças observadas e sentidas por ele, pois

“... seriam necessários, porém, anos de paciente trabalho e sacrifício; seria preciso viver longamente com esta gente, estudar e assenhorear-se primeiro de toda a sua língua, a fim de entender as lendas, compreender as suas idéias sobre coisas da vida e as suas crenças e superstições, sem cansá-los com perguntas apressadas e insistentes que lhes poderiam parecer suspeitosas e indiscretas e das quais não chegariam a compreender o escopo e a importância.” (Boggiani, 1975:189)

Em trechos dos diários como esse é que se revela o aprendiz de etnógrafo, um homem que ao final de uma viagem inesperadamente longa é capaz de afirmar que os índios possuem uma civilização que lhes é própria, embora, em sua opinião, os fatos observados o levassem a crer que fosse o fim de uma civilização, corrompida por vícios e degenerações de toda sorte, provocadas especialmente pelo contato com os não índios e pela “mistura de diferentes raças”.

Segundo Schwarcz, na segunda metade do século XIX, enquanto a etnografia se adaptava aos postulados evolucionistas, as

perspectivas poligenistas (baseadas na crença da existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas) eram ressuscitadas por darwinistas sociais:

“Questão fundamental, a mistura de raças na versão poligenista apontava para um fenômeno recente. Os mestiços exemplificavam, segundo essa última interpretação, a diferença fundamental entre as raças e personificavam a ‘degeneração’ que poderia advir do cruzamento de ‘espécies diversas’.” (Schwarcz, 1993:56)

A representação que se faz dos índios em *Os caduveos* torna-os parte integrante da natureza, compondo o cenário exótico de plantas, animais e rios. Como em séculos anteriores na Europa, em que “a postura popular frente à natureza selvagem pressupunha que homens, plantas e criaturas silvestres estivessem inextricavelmente vinculados em uma grande comunidade” (Thomas, 1996:111), assim são enxergados os Kadiwéu, sob a ótica do italiano. Por vezes, estes o surpreendem, fazendo-lhe gentilezas e colocando em dúvida a idéia de que realmente estariam no mesmo nível de evolução das “criaturas silvestres”. Além da gente que preferia dançar a trabalhar, Boggiani tem olhos para, em suas palavras, os outros elementos do cenário natural.

Dessa forma, vê “as plantas mais estranhas que tenha podido imaginar” (Boggiani, 1975:127) e é nostalgicamente remetido às lembranças de sua terra natal – a Itália – por conta de algumas espécies vegetais encontradas durante a viagem. Compara a paisagem a “uma série ininterrupta de quadros, um mais belo que o outro; Corot, Troyon, Rousseau e tantos outros não poderiam desejar melhor” (Boggiani, 1975:219). Em determinada passagem, chega a afirmar que o que vê “é uma natureza que impressiona fortemente e nunca a esquecerei, devesse viver mil anos” (Boggiani, 1975:234). Exageros e etnocentrismo à parte, Boggiani realizou uma obra importante na compreensão da história da sociedade indígena Kadiwéu, em que acreditava que os índios desapareciam em breve e “não se passarão muitos anos para que dos Caduveos reste tão somente a recordação” (Boggiani, 1975:243). Essa idéia era bastante comum à

época em que viveu Boggiani, pois segundo John Monteiro, “sobretudo a partir do século XIX, a perspectiva que passava a predominar prognosticava, mais cedo ou mais tarde, o desaparecimento total dos povos indígenas” (Monteiro, 1995:222).

Assim, na primeira metade do século XX não era difícil imaginar que todas as sociedades indígenas brasileiras encontravam-se em rápido processo de extinção. Darcy Ribeiro, que esteve entre os Kadiwéu cerca de cinquenta anos depois de Boggiani e sobre eles escreveu uma clássica obra, observou que “desde então [século XVIII], vêm se reduzindo, hoje resta um só grupo, despojado de seus rebanhos, impedido de fazer a guerra e tendo de acomodar-se às normas de vida aprovadas pelos seus vizinhos brasileiros” (Ribeiro, 1980:17). O mesmo autor apontava com pessimismo que a antiga tradição Kadiwéu desapareceria em breve com o último índio, pois já se encontrava bruxuleante à época. A sobrevivência dos Kadiwéu, os Caduveos para Guido Boggiani, até os dias atuais, desmente prognósticos tão sombrios e impõe novos desafios teóricos e metodológicos para a História Indígena, apontando múltiplas possibilidades de abordagem, entre elas o estudo das representações.

CONCLUSÃO

Se os resultados comerciais da expedição não trouxeram o esperado para o explorador italiano, são os resultados artístico e etnográfico os mais importantes da viagem de Guido Boggiani pelo Pantanal e em meio aos Kadiwéu na última década do século XIX. Segundo Yvonna Frièová, “com uma extraordinária força artística e excepcional esplendor técnico, Boggiani criou, em poucos anos, uma obra ímpar, à qual compete dar um lugar digno na história da fotografia artística” (Fricová, 1997:160). Por meio de seus diários compreende-se melhor a presença indígena no sul de Mato Grosso, atual estado de Mato Grosso do Sul. Mais do que isso, apreende-se melhor as categorias de pensamento de um europeu na virada dos séculos XIX/ XX, impregnadas pelas idéias de seu tempo. Dessa

forma, é possível perceber representações vigentes há pouco mais de cem anos atrás, posto que, segundo Durkheim, estas “[...] originam-se das relações que se estabelecem, tanto entre os indivíduos, de tal forma combinados, quanto entre os grupos secundários que se interpõem entre o indivíduo e a sociedade total” (Durkheim, 1994:41). Portanto, às representações individuais, como as que nesse artigo foram brevemente estudadas sob a ótica de Guido Boggiani, sobrepõem-se as representações coletivas, reveladoras do imaginário de uma época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIANCHINI, O. da C. D. 2000. *A companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso (1880 – 1940)*. Campo Grande, EdUFMS.
- BOGGIANI, G. 1975. *Os caduveos*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp.
- BOURDIEU, P. 1989. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel; Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CHARTIER, R. 1985. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel.
- DURKHEIM, É. 1989. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo, Paulinas.
- . 1990. *As regras do método sociológico*. 14ª ed. São Paulo, Nacional.
- . 1994. *Sociologia e filosofia*. São Paulo, Ícone.
- FRIÈOVÁ, Y. 1997. E procuri che non mi dimentichino i comuni amici... (... e procurem que nao me esqueçam os nossos amigos comuns...). Trad. de. Z. Burianová. *Ibero-Americana Pragensia*, Praga, 31:132-160.
- MONTEIRO, J. M. 1995. O desafio da história indígena no Brasil. In: LOPES DA SILVA, A. & GRUPIONI, L. D. B. (Org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília, MEC/MARI/Unesco, pp.221-237.
- RIBEIRO, D. 1980. *Kadiwêu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis, Vozes.
- SCHWARCZ, L. M. 1993. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SENA, C. S. 1984. Durkheim e o estudo das representações. *Anuário antropológico* 82, Fortaleza/Rio de Janeiro, s/n:134-64.
- THOMAS, K. 1996. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ZORZATO, O. 1998. “Civilizadores de índios”: os agentes do sertão na historiografia de Mato Grosso. *Fronteiras*, Campo Grande, 2(4):171-201.

